

cultural



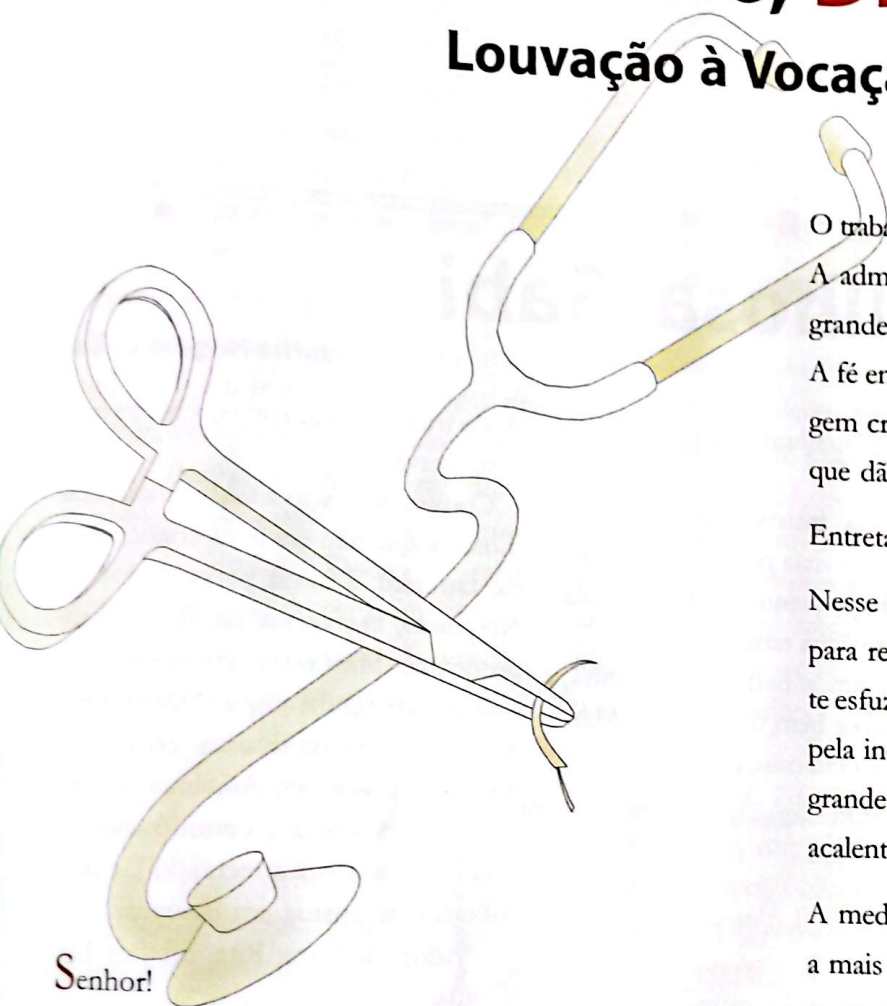
REVISTA DA
APM

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Setembro 2005 Nº 163

18 de outubro, **Dia do Médico**

Louvação à Vocação Médica

Helio Begliomini



Senhor!

São tantas e tão imensuráveis graças que tendes me dado espontânea e imerecidamente...
que se ficasse ininterruptamente, dia e noite, agradecendo-vos, não estaria à altura da devida retribuição.

A vida... única, misteriosa, irrepetível, graciosa e fecunda.
A saúde... esteio estrutural que ressalta a beleza da existência.
Os pais, irmãos, esposa e filhos... generosamente maravilhosos.
Os familiares e amigos... fraternos e verdadeiros tesouros.
O crescimento... imaculado de drogas e caminhos esconsos.
A educação e a cultura... que emancipam o intelecto e elevam o espírito.

O trabalho e a vontade de trabalhar... que dignificam o homem.
A admiração pela natureza... majestosa expressão de vossa grandeza.

A fé em vós, na Santa Igreja Católica e na riqueza da mensagem cristã...
que dão agradável sabor e acendrado sentido à vida.

Entretanto, Senhor!

Nesse momento, meu ser se volta todo a vós,
para render-vos graças de modo particular, mas, igualmente esfuziante,
pela incontida alegria de ser médico,
grande sonho da minha vida,
acalentado desde os meus tenros seis anos.

A medicina exercida como sacerdócio é, sem dúvida,
a mais linda e a mais nobre profissão humana,
somente aquém do ministério heróico dos vossos diletos filhos e filhas consagrados,
pois disponibilizam despojadamente, de corpo e alma,
a vossa salvação aos homens.

Contudo, Senhor!

Sempre tive a certeza de que o médico
que trata com respeito e amor ao próximo,
indiscutivelmente seu irmão perante vós,
co-participa da vossa obra de redenção
transcendendo o tempo,
ainda que de modo pequeno, tácito e imperfeito.

Que pena que já estão bem longe
os seis anos que tive de diuturno embasamento acadêmico
da bimilenar arte de Hipócrates...

Quantas saudades!

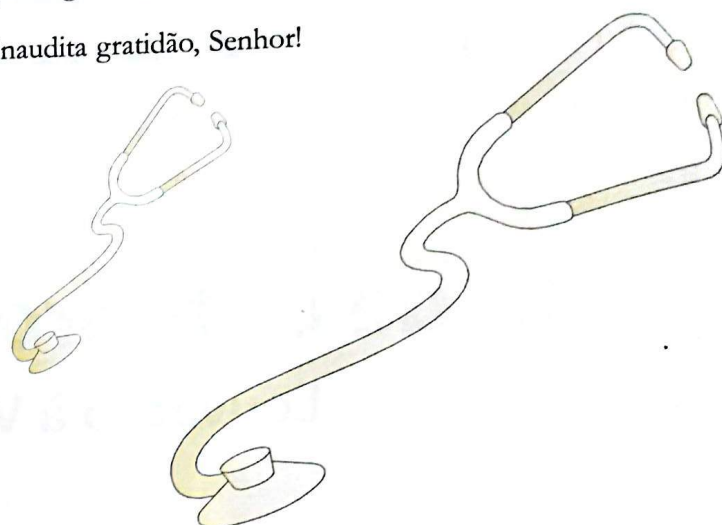
Infelizmente, já se passaram vinte e seis anos de exultante
exercício profissional...

Ah!, Senhor!

Se nova chance me fosse oferecida,
recomeçaria tudo outra vez,
pois tudo tem sido apaixonadamente fabuloso,
apesar das incompreensões, sacrifícios, desconsiderações e
acidentes de percurso.

E eu tenho tido inacreditavelmente o inefável gáudio desse
privilégio – Ser Médico!

Inaudita gratidão, Senhor!



Maravilhosa Gabi

Joffre Nogueira Filho

Andar no parque era uma das poucas atividades que ele fazia afora trabalhar, não por prazer, mas por insistência do médico. Tinha preguiça, mas depois de começado, não era tão ruim. Gostava de ver o verde, o movimento e as meninas em seus calções vistosos.

Tudo começou com a esposa comprando uma cachorrinha poodle, que levou o nome de Gabi. Ou, talvez, tivesse começado com a deterioração do casamento. Deterioração não, mas um desgaste até natural, após 10 anos de casamento.

A Gabi era uma chata, latia muito (chegava, vez ou outra, a uivar), tirava a terra dos vasos etc. Talvez nem fosse tão chata, mas era cúmplice da Marta (este é o nome da esposa), que a defendia e mimava-a de todo jeito.

Os anos passaram e ele se cansou de reclamar da Gabi, apesar de ela ter se aprimorado em ser desagradável. Não perdoava um vaso. Comia até as plantas, latia com mais vigor etc.

Quase ficou maluco quando a esposa começou a pedir que ele levasse a cachorra junto, quando ia andar no parque. Retrucou:

– De jeito nenhum, isto é coisa de viado.

Marta pedia, insistia e argumentava que a cachorra vivia presa, que o quintal era muito pequeno, que por isso ela era nervosa e latia tanto.

Um dia, um sábado pela manhã, sem nem saber bem o porquê, a Marta nem estava em casa, pegou a Gabi e foi andar no parque. A cachorra adorou, atrapalhava um pouco em sua euforia, querendo correr e tracionando a guia que a prendia pela coleira.

A surpresa aconteceu quando parou de andar para amarrar o tênis. Apoiou o pé em um banco e estava entretido com os cordões quando uma garota de patins parou para brincar com a Gabi. Depois, outra parou para perguntar qualquer coisa da cachorra e mais uma, para acariciá-la.

Voltou a andar e percebeu que havia conversado com mais pessoas em um dia no parque, com a Gabi, do que em um ano, quando fazia as caminhadas sem a cachorra.

Desde este dia, passou a levar a Gabi junto, em suas caminhadas no parque.

Após isto se tornar rotina, a Marta nem comentava mais.

Conheceu, graças a Gabi, Sonia, bela morena, que não era mais criança, mas ele também já havia passado dos 40. No início, conversas rápidas e comprimidos. Mais tarde, conversas mais longas e até alguns toques “inocentes”, no braço, arrumar uma gola, uma mecha de cabelo etc. Atualmente, conversas mais longas e confidências, do tipo “não sou compreendido”, e descobertas de gostos em comum.

– Adoro a Maria Rita, filha da Elis Regina.

– Eu tenho TUDO dela. Que máximo!!!

E, finalmente, alguns afagos discretos.

E hoje sairia para jantar com a Sonia. O alibi era reunião com os amigos do boliche. E seria sem a Gabi.

Maravilhosa Gabi, pensou ele. Vou comprar um quilo de ossos para ela.

Joffre Nogueira Filho
é médico endocrinologista

No tempo das diligências (I)

Oswaldo di Loreto

Os leitores jovens sabem como se faziam cópias de um texto antes das maravilhosas máquinas Xerox? Não? Assim: se a necessidade não ultrapassasse três cópias, usava-se o papel carbono. Batia-se (bem forte), de preferência nas pesadas máquinas Remington, e resultavam três cópias. Não era recomendável pechinchar e fazer quatro. Entender o que estava escrito na quarta cópia carbônica era coisa só acessível aos descendentes diretos (e diletos) do doutor Champollion.

Acima de três cópias, devia-se proceder da seguinte maneira: levava-se ao fogo uma panela contendo mingau de gelatina, endurecido com cola de sapateiro. Punha-se a ferver, até que o mingau estivesse “no ponto”, homogêneo, sem grumos. Deixava-se esfriar, numa travessa de vidro que tivesse, no mínimo, as dimensões de uma folha de papel sulfite. Dois ou três centímetros de profundidade eram suficientes. Quando frio, o mingau ficava com consistência de geléia bem dura e a superfície levemente grudenta. Pressionando com o dedo, ele, o dedo, deveria ficar um pouco preso à superfície e deixar impressão digital. Este era o segredo: produzir uma superfície lisa e “grudenta”.

Em paralelo, batia-se na Remington ou, de preferência, em outra máquina mais leve, uma Olivetti, por exemplo, *direto no papel carbono* (repito, *direto no carbono*), o texto que se desejava

reproduzir (recomendo aos jovens leitores que queiram saborear, hoje, deste “mergulho regressivo”, que não ousem bater pessoalmente no frágil carbono. Peçam a uma misericordiosa secretária profissional para se encarregar disto. O leitor, mão pesada, acabará por fazer uma cópia em Braille). Estendia-se e pressionava-se levemente o *carbono* na superfície grudenta, a qual “capturava” as sentenças escritas no carbono. Pronto. Estava feita a matriz. Agora, era só estender sobre a matriz, sucessivamente, quantas folhas de papel sulfite se desejasse. As frases capturadas pelo mingau grudento transferiam-se para o papel sulfite. Cada travessa permitia fazer umas 15 cópias. Depois, as frases “afundavam” na geléia. Mas, lembrem-se os leitores jovens de fazer uma travessa do mingau para cada folha do texto a ser copiado. Dá “um pouco” de trabalho.

Como os leitores vêem, fazer cópias de um texto não era tarefa a se fazer no escritório; ia-se para a cozinha!

O mingau grudento era conhecido por nomes diversos. No meu grupo de trabalho, chamava-se *jererê*.

Tornei-me um hábil fazedor de *jererês*. Com a chegada das Xerox, perdi a mão, mas, quem sabe? Talvez fazer *jererê* seja como andar de bicicleta.

Em vários hospitais em que trabalhei, havia, na sala onde hoje se localizam o computador, as pilhas de impressos e os disquetes, a sala de depósito dos *jererês*. Em tudo semelhante às adegas dos vinhos Beaujolais, pois havia *jererês* de antigas safras e havia o *jererê nouveau*. Os das velhas safras se reconheciam, como os vinhos, por uma “borra” depositada no fundo, ou fluando a meio caminho entre o fundo e a superfície. No entanto, a “borra” dos *jererês* antigos tinha composição nobre: era constituída de letras, de palavras e de restos de frases. Restos que nós, os médicos dos hospitais, usávamos para fazer apostas.

Os leitores conseguem alucinar a cena? Marmanjos nível universitário na maior algazarra, apostando quem lia mais palavras, ainda conservadas na “borra”. Uma palavra, dez pontos. Uma rara frase inteira, cem pontos. Chamava-se “*jogar jererê*”.

Leitor amigo: “*vamos jogar uma partida de jererê?*”



Oswaldo di Loreto
é médico psiquiatra

Atualidade de Prudente

Roberto Machado Carvalho

Prudente José de Moraes Barros (Itu, 1841; Piracicaba, 1902) foi um dos homens públicos, no Brasil, que mais atuou, tanto no Legislativo como no Executivo. Se tivesse mais tempo, poderia também atuar na Magistratura, como advogado-jurista, um dos mais competentes de seu tempo. Suas idéias, princípios teóricos sintonizados com o comportamento, projetos impregnados de justiça e retidão, estão registrados nos Anais da Câmara Municipal de Piracicaba, Assembléia Legislativa da então Província de São Paulo, da Câmara Federal e do Senado, ambos situados no Rio de Janeiro, na época capital do país. Também na imprensa, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Não importa o tempo decorrido da vida pública de Prudente. Sejam cem, duzentos ou mais anos, suas idéias e conduta serão sempre válidas e guias para qualquer político que tenha algumas condições fundamentais para o exercício do múnus público: moral invicta, ética na atuação, convicções democráticas e, muito especialmente, “mãos limpas”.

No Museu Republicano de Itu, existe uma célebre efígie de Prudente, desenhado num mármore de uma antiga Confeitaria de São Paulo, aureolada por uma única palavra que define tudo, “PROBIDADE”. A vida parlamentar e administrativa do “homem sem

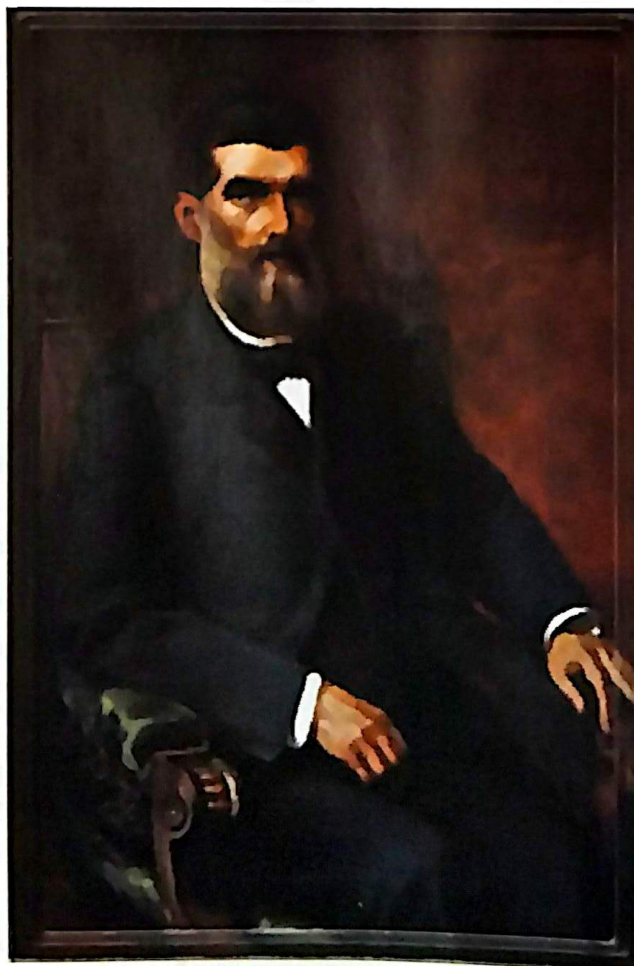
jaça” foi sempre tão coerente na retidão que impressiona. Por essas e outras é que faz falta, na grande maioria dos políticos de hoje, o conhecimento da atuação de alguns varões dos tempos iniciais da República. Ao menos vão sentir que, no Brasil, tivemos homens de envergadura, praticantes dos fundamentos da ciência política, exemplos de atuações voltadas para o interesse público, isentos de nepotismo, empreguismo, corrupção e outros quêtais...

Sabe o leitor que Prudente de Moraes construiu uma casa em Piracicaba unicamente com os honorários de ad-

vogado; que, ao deixar a Presidência da República, em 15 de novembro de 1898, foi hospedar-se numa pensão do Rio de Janeiro; que, ao retornar a Piracicaba, foi morar na mesma casa dos tempos de advogado, atual Museu “Prudente de Moraes”; que faleceu nessa mesma casa; que não precisou sair do Brasil para fazer excelentes relações exteriores, tanto de amizades como de soluções de problemas, em especial, com países vizinhos e europeus, como França (desejava anexar o Amapá à Guiana Francesa) e Inglaterra (tentou conquistar a Ilha de Trindade, que nos pertence).

Princípios básicos de uma autêntica Democracia republicana defendeu Prudente. Para não alongar, vejamos o que pensava sobre representação popular. Eleição era algo sagrado para Prudente. Ele mesmo participou de várias. Mas, dizia, eleições corretas, com destaque para a livre manifestação do eleitor, sem coações de espécie alguma. Eleições destinadas à participação direta do povo. Considerava, nesse caso, a importância da educação política, visando a dar maior responsabilidade ao eleitor na hora de usar a consciência para votar.

Prudente não gostava de deputados preguiçosos que



pouco ou nada produziam. Achava que os legisladores deveriam estar preparados para apresentar Projetos de interesse popular. Assim é que faziam jus à eleição. Essas e outras propostas de Prudente estão fazendo falta, concordam, caro leitor e eleitor?

Nota 1 – uma “gracinha” de deputado, com nome bem conhecido – Feu Rosa –, entrou para o rol do folclore político. Seria reprovado por Prudente. Apresentou Projeto para mudar a data do Descobrimento do Brasil. Achava melhor o 26 de janeiro de 1500, quando o navegador espanhol Vicente Yanes Pizón passou pela foz do rio Amazonas. De duas, uma: o Deputado pensa que somos idiotas, ou não sabe nada de história. Não foi só Pizón quem esteve por aqui antes de Cabral. Acontece que a descoberta deste é a oficial, assinalada pelo marco da Cruz, a serviço do Rei de Portugal.

Nota 2 – no Brasil, é assim: a morte de dois notáveis cientistas não teve o devido espaço na divulgação. Trata-se do gaúcho José Lutzenberger, engenheiro agrônomo, grande mestre da Ecologia brasileira, defensor das causas ambientais, líder no combate aos agrotóxicos. Também o jornalista-cientista José Reis, notável divulgador, em termos didáticos, de assuntos científicos, entre os quais, os relativos à saúde. Memoráveis os seus artigos na imprensa, lições de ciências naturais e humanas.

Roberto Machado Carvalho
é ex-secretário da Secretaria
de Cultura de Itu

Nomes

José Carlos Barbuio

Como estão em evidência várias personalidades da política brasileira nas CPI(s), tenho observado os nomes (e sobrenomes) curiosos de alguns parlamentares. Como o Congresso Nacional reúne pessoas de todo o Brasil e de vários estratos sociais, é natural que vejamos ali nomes incommuns, pelo menos para mim, de descendência italiana e morando em São Paulo, onde a tendência é sempre vêlos de origem portuguesa e de outras nacionalidades. Os nomes de origem européia, em sua grande maioria, receberam a costumeira inspiração da Religião (Bíblia), da História, das Artes etc. Não que não se viam nomes como Chirleire, Isordina, Renon, Deusalira, Normélio, principalmente de pessoas originárias do Estado de Minas Gerais. Mas, de uns tempos para cá, a ocorrência de nomes pouco comuns vem rapidamente aumentando. Talvez, sob a influência das várias áreas de atividades, como esporte, televisão e, sobretudo, da grande inventividade do povo, surgiram nomes os mais diferentes possíveis, como Delúbio, Valério, Olívio, Renan, Genoíno, Babá, Ônix, Panderney, Havanir, Sigmaringa, Sibá, Pomar, Delcídio, Geddel, Ideli, Mentor, Romênio, José Orcílio (Zeca PT), Nilmário, Sereno, Benquerer (Ministro substituto do Governo Federal), Renilda (a outra secretária do Valério).

Antenor Nascentes, há muito tempo, escreveu o *Dicionário dos nomes próprios*. Um grande livro sobre onomástica – estudo dos nomes. Ali, ele mostra que a imaginação brasileira não tem limites para nomear pessoas. Esse livro foi escrito numa época em que ainda era possível colocar nomes estapafúrdios nas indefesas crianças, por exemplo: “Um Dois de Oliveira Quatro”. Hoje, o Cartório de Registro Civil está impedido, por lei, de efetuar tais registros, em virtude dos

constrangimentos causados. O *Dicionário* nos dá um panorama histórico a respeito do tema. Ele mostra que muitas pessoas, inclusive alguns judeus convertidos, adotavam nomes de **árvores**, como: Carvalho, Pimenta, Pereira, Macieira, Maceira, Pinheiro, Mangabeira, Cravo; ou de **bichos**: Pinto, Bicudo, Gavião, Galo, Pombo, Carneiro, Pavão (Pavan), Leão (Leoní), Cordeiro, Lobo, Bezerra, Coelho, Leitão, Raposo, Barata.

Vejamos algumas outras curiosidades a respeito do assunto.

Na Roma antiga, era comum designar os filhos pela ordem em que nasciam. Assim, temos: Primo (Bonetti), Segundo (Sintoni, Giaretta), Tercio (Terceiro), Quarto, Quintiliano (Quinto), Xisto (Sexto), Otávio (Oitavo), Décio (Décimo). Há, ainda, aqueles nomes de origem **indígena**, como Tibiriçá, Tapajós, Mauá, Paraguaçu, Potiguar (Potí), e de **lugares**, como Holanda (Chico Buarque), França, Maranhão, Pará, Américo, Amazonino, Brasil (Vita), Brasil Paulista, Brasileiro (este era um dos nomes de Tom Jobim). Também são comuns as deturpações: de Antonio, por exemplo, que originou Antonino (imperador romano) e também Antoninho, Tony, Antoine. Já que mencionamos os diminutivos, há ainda Terezinha, Ditinha etc.

Outra situação curiosa. Era, e ainda é, muito comum aqueles nomes inventados pela junção dos nomes da mãe e do pai, como Lourcy (Lourdes e Darcy), Waldimar (Waldir e Maria), Arister (Ari e Ester). Há, ainda, os pitorescos, oriundos de casamentos. Quando a atriz Suzy Rêgo casou-se com o ator Paulo César Grande, seu nome recebeu um acréscimo. Ficou Suzy Rêgo Grande.

José Carlos Barbuio
é advogado e cronista

Um naturalista sueco em São Paulo

Duílio Battistoni Filho

O Brasil teve a honra de receber ilustres naturalistas estrangeiros, atraídos pelos estudos da terra e do povo brasileiros, nos seus mais variados aspectos. Muitos deles por aqui ficaram em definitivo, gastando os preciosos dias de suas vidas em pesquisas obstinadas e cansativas, tornando o Brasil mais conhecido em todo o mundo civilizado.

Entre tão distinguidos cientistas, encontrava-se Albert Löfgren (1854-1918), sueco de nascimento e botânico da melhor estirpe, que chegou ao nosso país em 1874, juntamente com Hjalmar Mosén, na missão organizada por André Regnell, sob os auspícios da Academia de Ciências Naturais de Estocolmo. Terminados os trabalhos da expedição, ele não mais nos deixou, prestando serviços relevantes como cientista e administrador, alcançando o respeito de todos os brasileiros.

Sua atuação em São Paulo foi muito relevante. Trabalhou como engenheiro da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, de início residindo na cidade de Piraçununga e depois na cidade de Campinas, onde se casou com Ema Bumer. Aqui lecionou Ciências Naturais no Colégio Morton e deu aulas

particulares. Foi o autor do desenho do Jardim Público, atual praça Imprensa Fluminense, e participou também, com muito empenho, das realizações do Centro de Ciências, Letras e Artes, do qual foi sócio.

A sua projeção como cientista e administrador foi iniciada em 1886, quando passou a trabalhar na Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, convidado por Orville A. Derby, chefiando as seções de Meteorologia e Botânica. Publicou diversos estudos sobre a flora algológica do Estado de São Paulo, sua classificação sistemática e o clima local. Entre seus empreendimentos, incluem-se as florestas artificiais da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, as culturas de acácias australianas nos terrenos de São José dos Campos e a festa das árvores nas escolas públicas paulistas.

Em 1891, Löfgren assumiu a direção do Museu Sertório, que deu origem ao Museu Paulista, permanecendo como diretor até 1894, quando foi substituído por Hermann Von Ihering. A seguir, em 1897, fundou o Horto Botânico na Serra da Cantareira, depois Horto Florestal, tendo sido seu primeiro diretor. Foi cônsul da Suécia em São

Paulo, de 1891 a 1911, e sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico da mesma cidade e da Sociedade Científica do Estado.

Em 1908, deixou o Estado de São Paulo para dirigir a seção de Botânica da Inspetoria de Obras contra a Seca no nordeste do Brasil, tendo escrito diversos trabalhos sobre a região, destacando-se, entre eles, *Catálogo das plantas colhidas na viagem ao Ceará e Contribuições para a questão florestal da região nordeste do Brasil*.

Em 1913, passou a chefiar a seção de Botânica e Fisiologia Vegetal do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Como reconhecimento pelos seus trabalhos, o governo brasileiro nomeou-o Secretário-Geral da Sociedade Brasileira de Ciências. Nessa ocasião, escreveu sua obra máxima, *Manual das famílias naturais fanerógamas com chaves dicotômicas das famílias e gêneros brasileiros*, na qual procurou sistematizar toda a Botânica brasileira.

Duílio Battistoni Filho
é membro Academia Paulista
de História

Spartaco Vizzoto

Guido Arturo Palomba



Guido Arturo Palomba
homenageia o seu colega
Spartaco Vizzoto

Nada mais estimulante para um psiquiatra do que fazer a saudação de outro psiquiatra, principalmente quando o homenageado é o decano dessa maravilhosa especialidade, Spartaco Vizzoto.

Sim, Spartaco Vizzoto, da velha guarda da psiquiatria de Krafft-Ebing, de Bleuler, de Bumke, de Kraepelin, de Kretschmer, de Schneider, de Jasper, de Kleist, que os que se formaram nos últimos anos vão pensar que estamos falando de nomes de jogadores da seleção alemã de futebol.

Não, é Spartaco Vizzoto, que estudou na Alemanha, em Frankfurt, mas também glória dos brasileiros, da grande escola psiquiátrica de Juqueri, de Aníbal Silveira, de Osório Traumaturgo Cesar, de Mario Yahn, de Átila Ferreira Vaz, de Luiz Átilio Fiori, de Antonio Carlos Pacheco e Silva, de Ruy Piazza, de Walter Edgard Maffei, do Centro de Estudos Franco da Rocha, de Walter Speltri, Biaggio Squitino, Paulo Fraletti, Noêmio, Lúcia, Barreto, e tantos outros, todos aqui presentes,

alguns *in memoriam*, para saudá-lo professor Spartaco Vizzoto.

O homenageado foi presidente da Sociedade Rorschach, escreveu inúmeros artigos científicos e culturais em várias revistas nacionais e estrangeiras, promoveu congressos latino-americanos, representou o Brasil em vários eventos internacionais de psiquiatria, apresentou trabalhos mundialmente aceitos sobre lesões cerebrais e psicopatologia, é autor do 1º artigo sobre a clorpromazina, o ampicilil, em cujo trabalho prognosticou a grande revolução terapêutica que iria mudar radicalmente a psiquiatria, como de fato mudou, viajou pelo mundo para aprofundar-se no conhecimento dos mistérios da mente, foi professor de psicologia médica na Unicamp, fundador e diretor da Casa de Saúde Santana e fundador e diretor do Parque Julieta, que é uma das mais tradicionais e respeitadas clínicas psiquiátricas, fundada há 50 anos.

E não é só isso e aquilo, mas muito mais, Cavaliere Ufficiale di Itália, em virtude de seus esforços para a construção de um retiro de idosos, membro correspondente da Academia Nacional de Medicina, colecionador de artes e de livros raros.

A esse propósito Spartaco Vizzoto doou ao Museu da APM o livro *Cefalogia Fisionômica*, de 1678, de Cornélio Giardelli Bolonhese.

Professor Spartaco Vizzoto, receba, em nome de todos os membros de diretoria da Associação Paulista de Medicina, e de todos os membros da Academia de Medicina de São Paulo, entidade que honrosamente estamos hoje aqui representando, os parabéns por Vossa dedicação e importância, como médico, à psiquiatria brasileira.

Guido Arturo Palomba
é diretor cultural da Associação Paulista de Medicina

Pensamentos

Madre Teresa de Calcutá

- 1) O dia mais belo? – Hoje
- 2) O maior obstáculo? – O medo
- 3) O maior erro? – Abandonar-se
- 4) A raiz de todos os males? – O egoísmo
- 5) A distração mais bela? – O trabalho
- 6) A pior derrota? – O desalento
- 7) Os maiores professores? – As crianças
- 8) A coisa mais feliz a se fazer? – Ser útil aos demais
- 9) O maior mistério? – A morte
- 10) O pior defeito? – O mau humor
- 11) A pessoa mais perigosa? – A mentirosa
- 12) O pior sentimento? – O rancor
- 13) O presente mais belo? – O perdão
- 14) O caminho mais rápido? – O correto
- 15) A sensação mais grata? – A paz interior
- 16) A expressão mais eficaz? – O sorriso
- 17) O melhor remédio? – O otimismo
- 18) A maior satisfação? – O dever cumprido
- 19) A coisa mais bela de todas? – O amor

18 de outubro, Dia do Médico

Walter Argento
(São Paulo)

Súplica pelos Médicos
(composta na aflição do enfermo)

SENHOR,
eu vos peço, com todo o fervor da alma,
concedei aos médicos
capacidade, força e perícia,
para que possam cumprir seu juramento
e oferecer conforto,
bem-estar e plena confiança
aos seus pacientes!

SENHOR,
ramificai nossas esperanças na sabedoria,
intuição e critério,
para que eles obtenham cura e salvação
onde existirem criaturas sofrendo!

Fazei-os, SENHOR, sopro de confiança,
condutores de vossas mensagens de fé,
exemplos vivos e dadivosos de vossa bondade,
sinais visíveis de vossa presença entre nós!

Permiti, SENHOR, que eles sejam
indulgentes nas agonias,
semeadores de paz nas inquietudes,
coragem, guia e luz nos caminhos da dor,
enfim, com seus dons e mãos firmes,
sejam esperança, crença e salvação
da saúde e da vida, para todos nós!

AMÉM

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore /
Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.